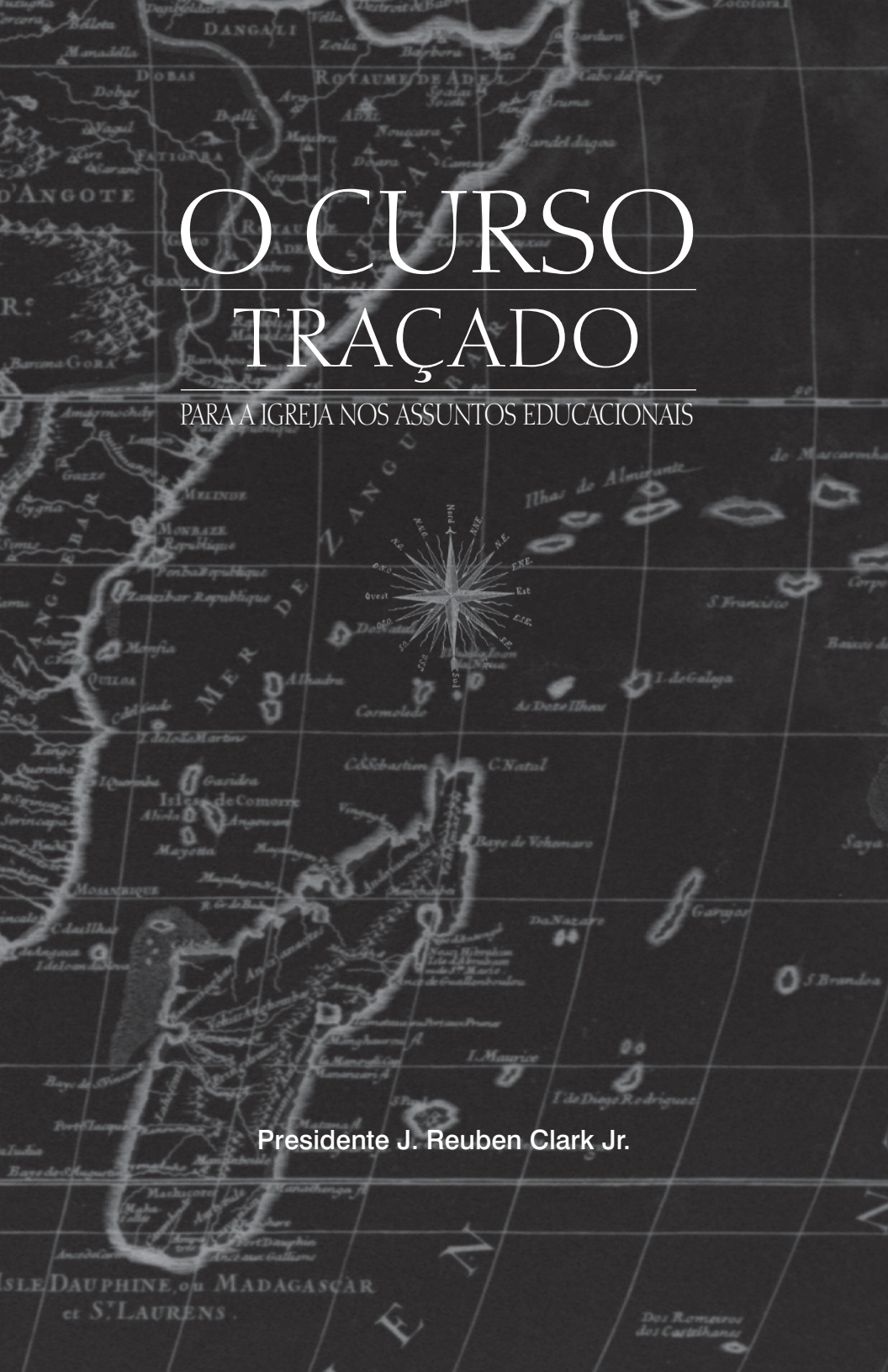
O CURSO TRAÇADO

PARA A IGREJA NOS ASSUNTOS EDUCACIONAIS



Presidente J. Reuben Clark Jr.

O CURSO TRAÇADO

PARA A IGREJA NOS ASSUNTOS EDUCACIONAIS

Presidente J. Reuben Clark Jr.

Discurso
aos líderes do seminário e instituto de religião
no curso de verão
da Universidade Brigham Young
em Aspen Grove, Utah, em 8 de agosto de 1938.

Preparado
pelo Sistema Educacional da Igreja

Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

Edição Revisada

© 1992, 1994, por Intellectual Reserve, Inc.
Todos os direitos reservados.
Atualizado em 2004.
Impresso no Brasil

Aprovação do inglês: 8/2004.
Aprovação da tradução: 5/2007.

Tradução de *The Charted Course of the Church in Education*
Portuguese

Caros Colegas:

São poucas as coisas que merecem ser lidas uma segunda vez; são raras as coisas de tal qualidade que venham a ser lidas muitas vezes e perdurem para inspirar mais uma ou duas gerações. O discurso do Presidente Clark "O Curso Traçado para a Igreja nos Assuntos Educacionais" pertence ao segundo grupo e voltou a ser publicado para que seus princípios fundamentais continuem a inspirar e motivar o pessoal do Sistema Educacional da Igreja.

O resumo que o Presidente Clark fez das responsabilidades dos professores em relação à Igreja e sua missão e para com as necessidades espirituais dos alunos é relevante, abrangente e inspirador.

Esperamos que esta nova edição sirva para lembrar-nos de que ainda que seja preciso extraordinária coragem moral e espiritual para utilizá-las, as estacas fincadas pelo Presidente Clark permanecem sólidas e firmes. Talvez tenha chegado a hora de todos os que ensinam verificarem novamente seu rumo e verem onde estão e se o os princípios e objetivos claros e incontestáveis delineados no "Curso Traçado" estão sendo implementados (ou utilizados) na íntegra.

Cordialmente,
Escritório Administrativo

Quando eu ainda era menino de escola, fiquei entusiasmado com o grande debate entre dois gigantes: Webster e Hayne. A beleza de sua retórica, as palavras sublimes de Webster em sua expressão de patriotismo, o prognóstico da guerra civil que levaria a liberdade a triunfar sobre a escravidão, tudo calava fundo em meu ser. O debate a princípio tratou da Resolução Foot, relativa às terras públicas. Depois, passou às considerações sobre os grandes problemas fundamentais da lei constitucional. Jamais me esqueci do parágrafo inicial da réplica de Webster, em que ele levou de volta ao ponto de partida esse debate que se afastara tanto de seu curso. Diz o parágrafo:

> *Senhor Presidente: Quando o marinheiro e seu navio são jogados de um lado para o outro por muitos dias, em meio à tempestade e num mar desconhecido, ele naturalmente utiliza a primeira pausa da tormenta, o primeiro lampejar do Sol, para descobrir qual é sua latitude e o quanto os elementos o afastaram de seu verdadeiro curso. Imitemos a prudência do marinheiro, antes de sermos levados para ainda mais longe nas ondas deste debate, consideremos o nosso ponto de partida para conseguir ao menos conjecturar onde estamos. Solicito a leitura da resolução.*

Apresso-me em dizer-lhes que espero que não imaginem que eu ache que esta ocasião é comparável à que se encontravam Webster e Hayne, ou que eu me considere um Daniel Webster. Se pensassem qualquer uma dessas coisas cometeriam um grave erro. Admito que sou velho, mas não tanto. Mas pareceu-me que Webster recorreu a um procedimento tão sensato para ocasiões em que, após ficar à deriva em alto mar ou vaguear no deserto é preciso esforço para se voltar ao ponto de partida, achei que, com sua licença, eu poderia recorrer e, de certo modo, utilizar esse mesmo procedimento para reafirmar alguns dos fundamentos mais essenciais e proeminentes que formam a base do ensino na Igreja.

Esses fundamentos são, para mim, os seguintes:

A Igreja é o sacerdócio organizado de Deus. O sacerdócio pode existir sem a Igreja, mas a Igreja não pode existir sem o sacerdócio. A missão da Igreja é, em primeiro lugar, ensinar, incentivar, assistir e proteger cada membro em sua luta para levar uma vida perfeita, temporal e espiritualmente, como o Mestre ordenou no evangelho: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48); em segundo lugar, a Igreja deve manter, ensinar, incentivar e proteger temporal e espiritualmente seus membros como grupo no que tange à vivência do evangelho; em terceiro lugar, a Igreja deve engajar-se ativamente na proclamação da verdade, chamando os homens ao arrependimento e a que vivam em obediência ao evangelho pois todo joelho terá de dobrar-se e toda língua terá de confessar (ver Mosias 27:31).

Em tudo isso, há duas coisas primordiais para a Igreja e para cada um dos membros que não podem passar despercebidas, ser esquecidas, obscurecidas ou eliminadas:

Primeiro: Que Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Unigênito do Pai na carne, o Criador do mundo, o Cordeiro de Deus, o Sacrifício pelos pecados do mundo, Aquele que expiou a transgressão de Adão; que foi crucificado; que Seu corpo e espírito Se separaram, que morreu, que foi colocado na tumba; que, no terceiro dia, Seu espírito reuniu-Se ao corpo e tornou-Se mais uma vez um ser vivo; que Ele saiu da tumba ressurreto, perfeito, sendo as Primícias da Ressurreição; que posteriormente, subiu ao Pai e que, graças a Sua morte e por meio de Sua Ressurreição, cada pessoa nascida no mundo desde o princípio também ressuscitará verdadeiramente. Essa doutrina existe desde que o mundo é mundo. Jó declarou:

> *E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus, vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros o contemplarão; (...)* (Jó 19:26–27).

O corpo ressurreto é feito de carne, ossos e espírito, e Jó afirmou uma grande e eterna verdade. Todos os membros da Igreja têm de acreditar honestamente, com toda fé, nesses fatos indiscutíveis e em todos os outros em que eles implicam necessariamente.

A segunda das duas coisas em que todos nós devemos ter fé é que o Pai e o Filho apareceram mesmo, de fato, ao Profeta Joseph em uma visão no bosque; que depois Joseph e outras pessoas tiveram outras visões celestiais; que o evangelho e o Santo Sacerdócio segundo a Ordem do Filho de Deus foram, de fato, restaurados à Terra e que eles haviam sido perdidos na apostasia da Igreja antiga; que o Senhor voltou a fundar Sua Igreja, por meio de Joseph Smith; que o Livro de Mórmon é exatamente o que professa ser; que o Profeta recebeu muitas revelações para orientar, edificar, organizar e incentivar a Igreja e seus membros; que os sucessores do Profeta também foram chamados por Deus e que receberam revelações de acordo com as necessidades da Igreja e que continuarão a receber revelações enquanto a Igreja e Seus membros viverem de acordo com a verdade que já conhecem e precisarem de mais; que esta é verdadeiramente a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e que suas crenças básicas são as leis e os princípios delineados nas Regras de Fé. Esses fatos, cada um deles, bem como todas as coisas em que eles implicam necessariamente ou que provêm deles, têm de permanecer inalterados, em toda sua força, sem desculpas ou evasivas; não se pode abordá-los como se não

tivessem importância nem encobri-los ou sufocá-los. Sem essas duas grandes crenças, a Igreja deixaria de ser a Igreja.

Qualquer um que não aceite plenamente essas doutrinas quanto a Jesus de Nazaré ou a restauração do evangelho e do santo sacerdócio não é santo dos últimos dias; os muitos milhares de homens e mulheres fiéis e tementes a Deus que formam o grande corpo de membros da Igreja acreditam nessas coisas plenamente e sem reservas e, por isso, apóiam a Igreja e suas instituições.

Abordei esse assunto por que ele é a latitude e a longitude da verdadeira localização, da posição da Igreja neste mundo e na eternidade. Sabendo nossa verdadeira localização, podemos mudar de rumo, caso preciso; podemos traçar um novo curso. Agora podemos recordar sabiamente o que disse Paulo:

> *Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema* (Gálatas 1:8).

Voltando ao exemplo de Webster e Hayne, agora terminei de ler a resolução original.

Como eu já disse, pretendo falar um pouco da educação religiosa dos jovens da Igreja. Dividirei o que tenho a dizer em duas seções gerais: o aluno e o professor. Serei muito franco, pois já passamos do ponto em que seria sábio usar palavras ambíguas ou frases veladas. Temos de dizer o que queremos claramente, porque o futuro dos nossos jovens, aqui na Terra e na vida futura, bem como o bem-estar de toda a Igreja estão em jogo.

Os jovens da Igreja, seus alunos, são, na grande maioria, lúcidos de pensamento e espírito. A questão principal é mantê-los lúcidos, não é convertê-los.

Os jovens da Igreja têm fome das coisas do Espírito; são ávidos por aprender o evangelho e querem recebê-lo sem rodeios, em toda sua pureza. Querem saber dos princípios que acabei de delinear (nossas crenças); querem conseguir o testemunho de que são verdadeiros. Não é que sejam céticos, é que são inquiridores, estão em busca da verdade. Não devemos semear a dúvida em seu coração. É grande o fardo e a condenação de qualquer professor que semeie a dúvida em uma alma confiante.

Esses alunos anseiam pela fé que seus pais têm; desejam-na em sua simplicidade e pureza. Há bem poucos mesmo que ainda não viram manifestações de seu poder divino. Eles não desejam apenas ser os beneficiários dessa fé, mas também ser capazes de pô-la em prática.

Querem acreditar nas ordenanças do evangelho; querem compreender o máximo que puderem delas.

Eles estão preparados para entender a verdade, que é tão antiga quanto o evangelho e que nos foi assim declarada por Paulo (um mestre de lógica e metafísica, inigualado pelos críticos modernos que censuram todas as religiões):

Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus (I Coríntios 2:11-12).

Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito (Romanos 8:5).

Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne.

Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis.

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei (Gálatas 5:16–18).

Nossos jovens entendem também o princípio exposto nas revelações modernas:

Por agora não podeis, com vossos olhos naturais, ver o desígnio de vosso Deus com respeito às coisas que virão mais tarde nem a glória que se seguirá depois de muitas tribulações (D&C 58:3).

Pelo poder do Espírito abriram-se nossos olhos e iluminou-se nosso entendimento, de modo a vermos e compreendermos as coisas de Deus (...)

E enquanto meditávamos sobre essas coisas, o Senhor tocou os olhos do nosso entendimento e eles se abriram; e a glória do Senhor cercou-nos de resplendor.

E contemplamos a glória do Filho, à direita do Pai, e recebemos de sua plenitude;

E vimos os santos anjos e os que são santificados diante de seu trono, adorando a Deus e ao Cordeiro, a quem adoram para todo o sempre.

E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

Porque o vimos, sim, à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai—

Que por ele e por meio dele e dele os mundos são e foram criados; e seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus. (...)

E enquanto ainda estávamos no Espírito, o Senhor ordenou-nos que escrevêssemos a visão(...)" (D&C 76:12, 19–24, 28).

Esses alunos também estão preparados para entender o que Moisés quis dizer ao declarar:

Mas agora meus próprios olhos contemplaram Deus; não, porém, meus olhos naturais, mas, sim, meus olhos espirituais, porque meus olhos naturais não poderiam ter contemplado; pois eu teria fenecido e morrido em sua

presença; mas sua glória estava sobre mim e eu contemplei sua face, pois fui transfigurado diante dele (Moisés 1:11).

Esses alunos estão preparados para crer e compreender que todas essas coisas são uma questão de fé, que não se explicam nem se compreendem por quaisquer dos processos do raciocínio humano, e, provavelmente, tampouco por quaisquer dos experimentos da ciência física conhecida.

Esses alunos (para resumir) estão preparados para entender e para crer que existe um mundo natural e um mundo espiritual; que as coisas do mundo natural não explicam as coisas do mundo espiritual; que as coisas do mundo espiritual não podem ser entendidas nem compreendidas pelas coisas do mundo natural; que não se pode racionalizar as coisas do Espírito, porque, primeiramente, não as conhecemos nem compreendemos o suficiente e, em segundo lugar, porque a mente e a razão finitas não podem compreender nem explicar a sabedoria infinita e a verdade suprema.

Esses alunos já sabem que devem "ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens" e que "(...) se houver qualquer coisa virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos" (Regras de Fé 1:13); essas coisas lhes foram ensinadas desde o berço. Eles devem ser incentivados de todas as maneiras adequadas a fazer essas coisas que sabem ser verdadeiras, e não precisam ter um curso de um ano para conhecê-las e aprender a acreditar nelas.

Esses alunos percebem claramente como são vazios os ensinamentos que transformam o plano do evangelho em um mero sistema ético. Sabem que os ensinamentos de Cristo são éticos no mais alto grau, mas sabem também que vão além disso. Eles perceberão que a esfera da ética é primariamente o que se faz nesta vida e que transformar o evangelho em um mero sistema ético é confessar a falta de fé, se não a descrença na vida futura. Eles sabem que os ensinamentos do evangelho não se referem só a esta vida, mas à vida futura, com a salvação e exaltação como meta final.

Esses alunos, assim como os pais, antes deles, têm fome e sede de um testemunho das coisas do Espírito e da vida futura e, como sabem que não se pode racionalizar a eternidade, buscam a fé e o conhecimento que vêm após a fé. Percebem, pelo Espírito que têm, que o testemunho que buscam é engendrado e nutrido pelo testemunho de outros, e que conseguir esse testemunho pelo qual anseiam, testemunho de uma pessoa justa, temente a Deus, testemunho vívido, ardente e honesto de que Jesus é o Cristo e que Joseph foi um profeta de Deus, vale mais que milhares de livros e conferências com o objetivo de reduzir o evangelho a um sistema ético ou racionalizar o infinito.

Há dois mil anos, o Mestre disse:

> *E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?*
> *E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?* (Mateus 7:9–10.)

Esses alunos, nascidos no convênio, são capazes de entender que a idade, maturidade e treinamento intelectual não são nem um pouco necessários à comunhão com o Senhor e Seu Espírito. Sabem a história do menino Samuel no templo, de Jesus, que aos doze anos confundiu os doutores no templo, de Joseph, que aos quatorze anos viu Deus, o Pai, e o Filho em uma das visões mais gloriosas que o homem já teve. Eles não são como os coríntios, de quem Paulo disse:

> *Com leite vos criei, e não com carne, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis* (I Coríntios 3:2).

Ao contrário, são como o próprio Paulo ao declarar o seguinte aos mesmos coríntios:

> *Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino* (I Coríntios 13:11).

Esses alunos quando chegam a vocês, já estão a caminho de uma maturidade espiritual que será alcançada mais depressa se vocês lhes derem o alimento espiritual certo. Eles chegam com um conhecimento e experiência espirituais que o mundo desconhece.

Isso basta no que se refere aos seus alunos, ao que eles são, ao que esperam e àquilo de que são capazes. Disse-lhes o que alguns professores me disseram e o que muitos de seus jovens me disseram.

Agora direi algumas palavras a vocês, professores. Para começar, não há razão nem justificativa para os prédios e instituições de ensino e treinamento religioso de nossa Igreja, a menos que seja para ensinar aos jovens os princípios do evangelho, de modo a incluir dois ensinamentos fundamentais: que Jesus é o Cristo e que Joseph foi um profeta de Deus. O ensino de um sistema ético aos alunos não justifica o funcionamento de nossos seminários e institutos. A grande rede de escolas públicas ensina a ética. Os alunos dos seminários e institutos devem, é claro, aprender as regras básicas de como levar uma vida boa e reta, pois são parte essencial do evangelho; mas as doutrinas como a da vida eterna, a do sacerdócio, da restauração e muitas outras semelhantes contêm princípios grandiosos que vão muito além dessas regras básicas do bom viver. Esses grandes princípios fundamentais também devem ser ensinados aos jovens; é isso o que os jovens querem aprender primeiro.

A primeira coisa que o professor precisa ter para ensinar esses princípios é um testemunho pessoal de que são verdadeiros. Por maior que seja a erudição, por mais que se estude e não importa quantos diplomas se tenha, isso não substitui esse testemunho que é a condição *sine qua non* para ser professor da rede de ensino da Igreja. Nenhum professor que não tenha um testemunho sólido da veracidade do evangelho como revelado aos santos dos últimos dias e como consta em suas crenças, que não tenha um testemunho de que Jesus é o Filho de Deus e o Messias nem da missão divina de Joseph Smith (inclusive da Primeira Visão em toda sua realidade) tem lugar no sistema de ensino da Igreja. Caso haja algum professor assim, e espero e oro para que não haja nenhum, ele deveria demitir-se imediatamente. Caso o Comissário saiba de alguém assim, e a pessoa não se demita, o Comissário deve pedir que ela o faça. A Primeira Presidência espera que se façam esses cortes.

Isso não significa que queiramos expulsar esses professores da Igreja... de modo algum. Começaremos a trabalhar com eles, com amor, paciência e longanimidade para levá-los ao conhecimento a que têm direito, por serem homens ou mulheres tementes a Deus. O que isso significa é que os professores das escolas da Igreja não podem ser pessoas que não se converteram e não têm testemunho.

Para vocês, professores, ter um testemunho não basta. Além disso, vocês devem ter um dos mais raros e preciosos elementos do caráter humano: a coragem moral; pois quando não se tem coragem moral para declarar o testemunho, ele só chega aos alunos depois de estar tão diluído que fica difícil, se não impossível, aos alunos perceberem; e o efeito espiritual e psicológico de um testemunho fraco e vacilante pode muito bem ser danoso em vez de benéfico.

Para ter sucesso, o professor do seminário ou instituto deve ter mais um traço de caráter raro e precioso, irmão gêmeo da coragem moral e que muitas vezes confundimos com ela. Falo da coragem intelectual; a coragem de afirmar princípios, crenças e fé em coisas que nem sempre são vistos como compatíveis com o conhecimento científico e de outros tipos que o professor ou seus colegas de magistério acreditem ter.

Já houve casos de homens supostamente de fé, em algum cargo de responsabilidade, acharem que, se declarassem claramente suas crenças poderiam ser alvo da zombaria dos colegas descrentes e suas únicas opções seriam modificar suas crenças ou fazer pouco caso delas para justificarem-se, ou diluí-las de modo destrutivo, ou

até fingir repudiá-las. Pessoas assim são hipócritas com os colegas e com os irmãos de fé.

É digno de pena (e não de desdém, como alguns prefeririam) o homem ou a mulher que, depois de saber a verdade, acha que precisa repudiá-la ou fazer concessões ao erro para viver entre os descrentes sem ser mau-visto nem ser alvo de escárnio. Sua situação é mesmo trágica, pois, na verdade, todas essas evasivas e esses disfarces acabam acarretando exatamente os castigos que o fraco tentava evitar. Pois não há nada que o mundo valorize e reverencie mais do que a pessoa que, tendo convicções honradas, defende-as em qualquer situação; não há nada que o mundo despreze mais do que a pessoa que, tendo convicções honradas, desvia-se delas, as abandona ou repudia. Quando um psicólogo, químico, médico, geólogo, arqueólogo ou qualquer outro cientista da Igreja faz pouco caso, distorce, se esquiva, ou pior ainda, repudia ou nega as grandes doutrinas fundamentais da Igreja em que professa crer, ele trai o próprio intelecto, perde o autorespeito, entristece os amigos, causa sofrimento e vergonha aos pais, macula a Igreja e seus membros e perde o respeito e a consideração das pessoas cuja amizade e auxílio tentava, dessa forma, conquistar.

Espero de todo o coração que não haja ninguém assim entre os professores do sistema de ensino da Igreja, mas se houver, seja qual for o nível hierárquico, eles precisam seguir o mesmo caminho dos professores sem testemunho. O fingimento, os pretextos, as evasivas e a hipocrisia não têm e não podem ter lugar no sistema de ensino da Igreja nem na formação do caráter e no desenvolvimento espiritual de nossos jovens.

Há outra coisa à qual devemos estar atentos nas instituições da Igreja: Não deve ser possível que um cargo de confiança espiritual seja ocupado por alguém que não se tenha convertido, que seja na verdade descrente e que busque fazer com que as crenças, o ensino e as atividades dos jovens, e também dos mais velhos, se desviem dos caminhos que deveriam seguir e tomem outros rumos de formação, crenças e atividades que, apesar de levarem onde o descrente quer chegar, não nos levam onde o evangelho levaria. O fato de que isso seja um alívio para a consciência do descrente que está na direção não tem nenhuma importância. Essa é a maior quebra de confiança e temos muitas razões para acreditar que isso já aconteceu.

Quero falar de outra coisa que aconteceu em outros contextos, como um alerta para que o mesmo não aconteça no Sistema

Educacional da Igreja. Em mais de uma ocasião os membros da Igreja foram a outros lugares para receber um treinamento especial em determinado assunto. Receberam o treinamento que é supostamente a última palavra, o ponto de vista mais moderno, *o que há de melhor* e mais atual. Depois, voltaram trazendo essas idéias com eles e as impuseram a nós sem nem se perguntarem se precisávamos delas ou não. Não pretendo mencionar os casos bem conhecidos e, creio, bem reconhecidos em que isso aconteceu. Não quero magoar ninguém.

Mas antes de experimentar as mais novas idéias de qualquer linha de pensamento, ensino, atividades, etc., os especialistas deveriam parar para pensar que por mais que nos achem atrasados, e por mais atrasados que de fato sejamos em algumas coisas, em outras, estamos bem à frente dos demais e, portanto, esses novos métodos podem ser velhos, ou pior, ultrapassados para nós.

Em tudo o que se refere à vida e às atividades comunitárias em geral, aos divertimentos sadios em grupo, às atividades ao serviço religioso bem coesos e bem dirigidos, à espiritualidade positiva, bem definida e que promove a fé, à religião prática, real, quotidiana, ao firme desejo de fé em Deus e percepção clara de que ela é necessária estamos bem adiantados na vanguarda do progresso da humanidade. Antes de começarem o trabalho de incutir novas idéias em nós, os especialistas deveriam ter a disposição de parar para considerar se os métodos usados para estimular o espírito comunitário ou incentivar as atividades religiosas em grupos decadentes e insensíveis a essas questões seriam aplicáveis a nós e se o trabalho que fazem tentando impô-los a nós não seria um anacronismo flagrante e até grosseiro.

Por exemplo, aplicar aos nossos jovens, que têm a mente voltada para as coisas espirituais e são alertas às questões religiosas, um plano desenvolvido para ensinar religião a jovens que não têm o mínimo interesse nas coisas do Espírito não só não atenderia às nossas necessidades reais, como também tenderia a destruir as melhores qualidades espirituais que nossos jovens têm hoje.

Já dei a entender que nossos jovens não são espiritualmente imaturos; eles estão muito bem pelo padrão de maturidade espiritual normal do mundo. Tratá-los como se fossem espiritualmente imaturos, como o mundo trataria o mesmo grupo etário, é um anacronismo. Repito: há raríssimos jovens que passam pelas portas do seminário e instituto, que não sejam beneficiários conscientes das bênçãos espirituais, ou que não tenham visto a eficácia da oração, ou que não tenham testemunhado o poder da fé para curar os doentes, ou que não tenham contemplado manifestações espirituais que grande parte do mundo hoje desconhece. Vocês não precisam chegar de mansinho, por trás desses jovens espiritualmente experientes e sussurrar

religião aos seus ouvidos. Podem ser diretos e falar com eles face a face. Não precisam disfarçar as verdades religiosas sob o manto das coisas mundanas; podem apresentar-lhes essas verdades abertamente, como elas são. A juventude poderá provar que não as teme mais do que vocês. Não há necessidade alguma de uma abordagem gradual, de "historinhas de ninar", como para crianças, não é preciso o "banho-maria", a condescendência, ou qualquer das outras técnicas pueris, usadas nos esforços para se atingir os que são espiritualmente inexperientes, e só não estão espiritualmente mortos.

Vocês, professores têm uma grande missão. No papel de professores vocês encontram-se no ponto culminante da educação, pois que ensinamentos, em seu valor inestimável e na extensão de seu alcance, se comparam aos que tratam do homem como foi na eternidade do passado, como é na mortalidade do presente e como será na eternidade do futuro? Sua matéria não se restringe às coisas deste mundo, mas às da eternidade. A bênção que buscam e que, caso cumpram seu dever, alcançarão, não é só a sua própria salvação, mas a daqueles que adentram o seu santuário. Como resplandecerá a sua coroa de glória em que, incrustadas como jóias, reluzirem todas as almas que salvarem.

Mas para alcançar essa bênção e receber essa coroa, vocês têm, eu repito, têm de ensinar o evangelho. Essa é sua única função e não há outro motivo para sua presença no sistema de ensino da Igreja.

Vocês se interessam por questões puramente culturais e por questões do conhecimento puramente secular, mas volto a repetir para salientar, o seu principal interesse, seu dever essencial e quase que exclusivo é ensinar o evangelho do Senhor Jesus Cristo como revelado na época atual. Para ensinar esse evangelho vocês devem empregar como fonte e considerar autoridades no assunto as obras-padrão da Igreja e as palavras das pessoas chamadas por Deus para liderar Seu povo na época atual. Vocês não podem, não importa seu escalão, introduzir em seu trabalho sua própria filosofia peculiar, não importa de que fonte ela venha nem quão agradável ou racional lhes pareça. Se agíssemos assim teríamos muitas igrejas diferentes, uma para cada seminário, e isso seria o caos.

Vocês não devem, seja qual for seu escalão, alterar as doutrinas da Igreja nem fazer com que fiquem diferentes do declarado nas obras-padrão da Igreja e pelas pessoas que têm autoridade para declarar a mente e a vontade do Senhor para a Igreja. O Senhor declarou que Ele é "o mesmo ontem, hoje e para sempre" (2 Néfi 27:23).

Eu os exorto a não cair no erro infantil, tão comum hoje, de achar que, só por que o homem fez tanto progresso no controle

das forças da natureza e em sua utilização para benefício próprio, as verdades do Espírito mudaram ou se transformaram. É um fato vital e significativo que as conquistas espirituais do homem não acompanharam o passo de suas conquistas materiais. O inverso, às vezes, parece verdadeiro. A capacidade de usar a razão para viver sabiamente ainda não se igualou ao seu raciocínio científico. Lembrem-se e entesourem sempre a grande verdade da Oração Intercessória:

> *E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste* (João 17:3).

Essa é uma verdade suprema; como o são todas as verdades espirituais. Elas não se alteram com a descoberta de um novo elemento, de uma nova onda eletromagnética, nem pela redução de alguns segundos, minutos ou horas de um recorde de velocidade.

Vocês não devem ensinar as filosofias do mundo, sejam antigas ou modernas, pagãs ou cristãs, pois essa é a função das escolas públicas. Sua esfera é única e exclusivamente o evangelho que, por si só, já é ilimitada.

Pagamos os impostos para sustentar as instituições do Estado que têm a função de ensinar as artes, ciências, literatura, história, línguas e as demais matérias do currículo secular. São essas instituições que devem fazer esse trabalho. Mas usamos os dízimos da Igreja para manter o sistema de ensino da Igreja e esse dinheiro que nos foi confiado é sagrado. Os seminários e institutos da Igreja devem ensinar o evangelho.

Ao reafirmar essa função repetidas vezes e com tanta insistência como fiz, percebo claramente que o desempenho dessa função pode envolver a "hora de folga" [nos EUA, nome dado ao tempo destinado às aulas dos seminários e institutos da Igreja durante o horário escolar normal]. Mas nosso curso é claro, se não pudermos ensinar o evangelho, as doutrinas da Igreja e as obras-padrão durante a "hora de folga" em nossos seminários e institutos, devemos então considerar a possibilidade de abandonar essa "hora de folga" e tentar estabelecer algum outro plano para se levar adiante a obra do evangelho nessas instituições. Se for impossível elaborar e pôr em prática algum outro plano, teremos de abandonar os seminários e institutos e voltar às faculdades e academias da Igreja. À luz dos acontecimentos, agora não temos certeza de que elas deveriam ter sido deixadas de lado.

Somos claros nesse ponto, ou seja, não consideraremos justificável em utilizar mais um dólar que seja do dízimo para manter nossos seminários e institutos de religião a menos que eles sirvam para ensinar o evangelho da maneira prescrita. O dízimo representa muito trabalho, muito desprendimento, muito sacrifício, muita fé, para ser usado para instrução incolor da juventude da Igreja em

ética elementar. Teremos de tomar essa decisão e enfrentar essa situação quando o próximo orçamento for avaliado. Dizendo isso, falo pela Primeira Presidência.

Tudo o que foi dito quanto ao caráter do ensino religioso e aos resultados que, pela própria natureza das coisas, seguem-se quando falhamos no ensino adequado do evangelho, aplica-se plenamente aos seminários, institutos e a todas as instituições de ensino do sistema de ensino da Igreja, sem excessão.

A Primeira Presidência pede com toda a veemência a ajuda e consideração sincera e sem reservas de todos vocês, homens e mulheres, que trabalham na linha de frente e, portanto, sabem bem como é grande o problema diante de nós, que afeta de modo tão vital e tão de perto a saúde espiritual e a salvação de nossos jovens, bem como o futuro bem-estar de toda a Igreja. Nós precisamos de vocês; a Igreja precisa de vocês; o Senhor precisa de vocês. Não tenham reservas, nem deixem de estender a mão para ajudar.

Para terminar, quero fazer uma homenagem humilde, mas sincera, aos professores. Como trabalhei para pagar os meus estudos (a escola secundária, a faculdade e o curso técnico), sei das dificuldades e sacrifícios necessários; mas também sei o quanto nos desenvolvemos e a satisfação que temos ao chegar ao fim. Portanto estou aqui ciente de como muitos de vocês, talvez a maioria, chegaram onde estão. Além disso, houve uma época em que tentei, sem muito sucesso, ser professor primário, portanto sei também o que sentem aqueles de nós que não conseguem ser excelentes professores e, portanto, têm de contentar-se em não ser tão bons assim.

Sei o quanto vocês ganham atualmente e como é pouco, bem pouco mesmo. Eu queria, do fundo do coração, que pudéssemos aumentar esse salário, mas o ensino já toma uma parte tão grande da renda da Igreja que honestamente tenho de dizer que não há perspectiva imediata de aumento. Nosso orçamento para este ano letivo é de 860 mil dólares, ou seja, quase 17 por cento da estimativa de gastos totais da Igreja, inclusive os gastos com a administração geral, com todas as despesas das estacas, ramos e missões, inclusive com o bem-estar e instituições de caridade. Na verdade, eu gostaria de ter a certeza de que a prosperidade das pessoas seria tanta que o que conseguissem pagar e pagassem de dízimo fosse suficiente para manter o nosso ritmo atual.

Portanto, louvo sua industriosidade, sua lealdade, seu sacrifício e sua boa-vontade e prontidão em servir à causa da verdade, sua fé em Deus e na obra Dele e o seu desejo sincero de fazer as coisas que aquele que foi ordenado nosso profeta e líder quer que façam.

Rogo-lhes que não cometam o erro de deixar de lado os conselhos de seu líder nem de deixar de fazer o que ele pede nem se recusar a seguir sua orientação. Na antigüidade Davi, ao cortar sorrateiramente a orla do manto de Saul, disse estas palavras, o desabafo de um coração contristado:

> *O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do Senhor, estendendo eu a minha mão contra ele; pois é o ungido do Senhor* (I Samuel 24:6).

Que Deus os abençoe sempre em todas as coisas justas que fizerem. Que Ele vivifique o seu entendimento, aumente sua sabedoria, faça com que a experiência os torne mais esclarecidos; que Ele lhes dê paciência, caridade e, das dádivas mais preciosas, que lhes conceda o discernimento do espírito, para que vocês distingam com certeza o espírito de retidão do espírito oposto quando os tiverem diante de vocês. Que Ele lhes abra o coração daqueles a quem ensinam e, depois, faça com que saibam que, ao entrar ali, estão em solo santo que não deve ser contaminado nem profanado, seja pelas doutrinas falsas ou corruptoras ou por ações más e pecaminosas. Que, ao seu conhecimento, Ele acrescente a habilidade e capacidade de ensinar a retidão. Que sua fé, testemunho e habilidade de estimular e promover a fé e o testemunho de outros aumente a cada dia; tudo isso para que os jovens de Sião sejam ensinados, edificados, incentivados, encorajados para não ficarem à beira do caminho, mas prosseguirem para a vida eterna, para que, quando eles receberem essas bênçãos, por intermédio deles, vocês também sejam abençoados. Rogo tudo isso em nome Daquele que morreu para que nós vivêssemos: o Filho de Deus, o Redentor do mundo, Jesus Cristo. Amém.

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

PORTUGUESE
4 02327 09059 5
32709 059